



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL PRONERA

FRANCISCA DE SOUSA NASCIMENTO

**MULHERES E RESISTÊNCIA NA LUTA PELA TERRA: ACAMPAMENTO PADRE
JOSIMO, MST (TO)**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Francisca de Sousa Nascimento

Mulheres e Resistência na luta pela terra: Acampamento Padre Josimo, MST/TO

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de bacharel em Serviço Social Pronera.

Orientador (a): Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

N244m Nascimento, Francisca de Sousa.
Mulheres e resistência na luta pela terra: Acampamento Padre Josino, MST/TO. / Francisca de Sousa Nascimento. – Miracema, TO, 2025.
30 f.
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Serviço Social - Pronera, 2025.
Orientadora : Rejane Cleide Medeiros de Almeida
1. Mulheres camponesa. 2. MST. 3. Resistência. 4. Coletivo Fryda Kahlo. I.
Título

CDD 360

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FRANCISCA DE SOUSA NASCIMENTO

MULHERES E RESISTÊNCIA NA LUTA PELA TERRA: ACAMPAMENTO PADRE
JOSIMO, MST (TO)

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Serviço Social - Pronera foi avaliado para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social em sua forma final pela Orientadora da Prof. Dr^a. Rejane Cleide Medeiros de Almeida e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 27/02/2025

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Orientadora - UFNT

Profa. Dra. Josenice Ferreira dos Santos Araujo, Examinadora - UFT

Profa. Dra. Ingrid Karla da Nóbrega Beserra, Examinadora - UFT

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como ocorre a resistência e as lutas pela terra das mulheres no acampamento Padre Josimo, organizados pelo movimento dos trabalhadores rurais do Tocantins. Abordando a luta por direito e igualdade, estando sempre em pauta a Educação e a Saúde como outros que os trabalhadores e trabalhadoras rurais vem lutando, além do direito ao território, derrubando acerca do latifúndio e quebrando as correntes que os prendes. A educação do campo continua em construção e torna-se importante compreender a necessidade de efetivar um processo formativo que leve em conta as especificidades do território e dos sujeitos do campo, que agreguem aos conhecimentos e saberes de crianças, jovens e adultos que vivem neste espaço.

Palavras-chaves: Mulheres Camponesa. MST. Resistência. Coletivo Fryda Kahlo.

ABSTRACT

This article aims to analyze how resistance and struggles for land by women in the Padre Josimo camp, organized by the rural workers' movement of Tocantins, occur. Addressing the struggle for rights and equality, education and health are always on the agenda as other issues that rural workers have been fighting for, in addition to the right to territory, overthrowing large estates and breaking the chains that bind them. Rural education is still under construction and it is important to understand the need to implement a training process that takes into account the specificities of the territory and the subjects of the countryside, which adds to the knowledge and wisdom of children, young people and adults who live in this space.

Keywords: Women. MST. Resistencia. Collective Fryda Kahlo.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Imagem do município de Carrasco Bonito
- Figura 2 - Casa de Farinha Tia Sônia, 2023
- Figura 3 - Coletivo de Fryda Kahlo construindo peças artesanais
- Figura 4 - Comercialização do artesanato do coletivo Fryda Kahlo
- Figura 5 - Horta em construção, 2023
- Figura 6 - Colheita de mandioca, 2023
- Figura 7 - Plantio de arroz e milho, 2023

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
APA-TO	Alternativa para a Pequena Agricultura no Tocantins
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
UFT	Universidade Federal do Tocantins
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	AS LUTAS DAS MULHERES SEM TERRA DO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO.....	12
2.1	Histórico do Acampamento Padre Josimo	12
2.2	A importância da luta das mulheres através do coletivo Fryda Kahlo...	17
3	AS MULHERES E A AGOECOLOGIA NO ASSENTAMENTO PADRE JOSIMO.....	21
3.1	A produção orgânica e a transição agroecológica no acampamento padre Josimo e a participação das mulheres na garantia de alimentos saudáveis.....	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o protagonismo das mulheres Sem Terra na luta pela terra e construção do acampamento Padre Josimo, como também a luta para sobreviver no acampamento e suas formas de resistência. As famílias que residem no acampamento há oito anos, vivendo inúmeras dificuldades apontadas, sendo negado o direito de ir e vir, saúde, educação, energia, água tratada e meios para produzir no acampamento, mas que continuam lutando por igualdade social e inclusão, tendo o movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST) como organização na conquista de direitos.

O acampamento padre Josimo está localizado no Município de Carrasco Bonito, região do Bico do Papagaio. A região do Bico do Papagaio está na porção norte do Estado do Tocantins. É uma região de terras ocupadas por indígenas, quilombolas, fazendeiros e Sem Terra, orquestrada por conflitos agrários. Sua vegetação é constituída por áreas de Cerrado, Floresta Amazônica e áreas de transição entre os dois biomas de concentração dos babaquais.

Os palmeirais nativos compõem a vegetação do Cerrado e algumas porções da Floresta Amazônica tocantinense, formando um carrossel que cobre em torno de 20% da região e serve para dar sombra ao gado nas fazendas ou apenas como uma mata ciliar ao longo dos rios e córregos. Os palmeirais cobrem uma extensa área de forma fragmentada ou contínua, preservada ou alterada pelo plantio do capim, nas terras indígenas dos Apinajé, e Xambioá, ou nas fazendas, principalmente às margens do rio Tocantins. De acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, a microrregião do Bico do Papagaio possui 25 municípios e uma população de 210.421 habitantes, conforme estimativa de 2015. Desse total, mais de 33% da população vive na zona rural, o que corresponde a uma população em torno de 70 mil pessoas.

De ocupação pioneira, a região do Bico do Papagaio é a que teve maior quantidade de habitantes pós-construção das rodovias Belém Brasília e Transamazônica, nas décadas de 1950 e 1970, respectivamente. A partir dessas construções rodoviárias, houve o avanço das pastagens de grandes e médias propriedades, mas também com predomínio de pequenas propriedades e de grande número de assentamentos da Reforma Agrária.

Quanto ao nome Bico do Papagaio, este se deve aos contornos dos rios Tocantins e Araguaia, que desenham o formato de um Bico de Papagaio. Sua vegetação é constituída por áreas de Cerrado, Floresta Amazônica e áreas de transição entre os dois biomas de concentração dos babaquais.

O Acampamento Padre Josimo, assim como muitos acampamentos de Sem Terra, é um

espaço onde a luta pela reforma agrária e pela justiça social se manifesta de maneira intensa. As mulheres que participam desses acampamentos desempenham um papel fundamental na resistência pela terra, enfrentando desafios complexos e contribuindo para a transformação social.

Em 2014 as famílias decidem lutar pela terra, a qual foi se perdendo para os latifundiários na região, dando início em um acampamento dentro da cidade de Carrasco Bonito. Meses depois as famílias ali acampadas em barracos pequenos, sendo a cobertura com palhas de babaçu, e as paredes feitas também das palhas. O presidente da associação, viajou até a capital Palmas, para uma reunião na sede do INCRA; conhecendo, assim militantes do MST, depois de muitas conversas, foi marcado o dia de apresentar as famílias e convidá-los fazer parte do Movimento.

Com o apoio do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra - MST as famílias que ali estavam acampadas entenderam que só estando ali de braços cruzados não daria muito certo, então depois de reuniões e orientações vindas do MST, as famílias tomam decisões de ocupar a fazenda Santa Hilário, localizada no município de Araguatins. Uma fazenda que há muito tempo vem sendo lugar de conflitos, pois é uma área que pertence a união, mas que a própria Justiça não resolve, não toma uma decisão, deixando os trabalhadores a mercê das violências que os pistoleiros realizam no local.

Conforme os relatos dos acampados, alguns trabalhadores foram baleados e os demais foram escoltados pela polícia militar até a cidade de Araguatins, sem nenhuma resposta concreta para os trabalhadores. As famílias se revoltaram com as injustiças e decidem continuar a luta pela terra, pela reforma agrária, pela transformação social, configurando um espaço de consciência política e de relações de gênero na luta cotidiana, por uma sociedade justa e igualitária.

Então, ao retornarem as mais de cem famílias, acamparam na beira da estrada, cerca de três quilômetros de distância de Carrasco Bonito e foram, mulheres, homens, idosos, jovens e crianças. As famílias depois de um ano estando na beira da estrada, passando por inúmeras precarizações, sem nenhuma assistência básica, se organizam com os outros acampamentos do Estado, e ocupam o INCRA se deslocando para capital Palma, para reivindicar os direitos pela terra onde poderiam produzir e sobreviver com dignidade.

Mas para que a pauta dos trabalhadores fosse atendida as famílias tiveram que se submeter passando dezoito dias na porta do INCRA, debaixo de lona preta, até que o superintendente do INCRA recebesse a pauta dos trabalhadores.

E no dia 18 de março de 2015 que os trabalhadores do acampamento Padre Josimo

descobre que no assentamento P.A Cupins Localizado no município de Carrasco Bonito há vinte anos, o mesmo na época teve parte de sua área desviada pelos fazendeiros da região, e que é área que pertence a união. Assim as famílias retornam e ocupam a área na esperança que a justiça seja feita, para se tornar em assentamento para as famílias produzirem. As mulheres do Acampamento Padre Josimo vêm a muitos anos lutando por igualdade social e procurando ocupar espaços que é negando desde sempre, sendo o direito de ir e vir dificultando a sobrevivência no território, também é negado direito a Educação, saúde, energia e água tratada, equipamentos adequados para manusear a terra.

Mesmo com todo esse cenário apresentado as famílias residem e sobrevivem no território, trabalhando braçalmente e tornando sim o acampamento mais produtivo da Região do Bico do papagaio com produção de alimentos saudáveis e agroecológicos levando para mesas de muitos brasileiros, principalmente para as famílias ali acampadas.

O acampamento como forma de resistência e de sobrevivência no território, discuti as melhores maneiras de organização dentro da comunidade, sendo trabalhos coletivos um segurando na mão da outra. As mulheres discutem momentos para se organizar, trabalhando juntas com artesanato e nas hortas agroecológicas, como também na criação de galinhas caipiras, dentre outras formas de resistências, pois a regressão dos direitos das mulheres é central para o projeto de superexploração da classe trabalhadora. como também de natureza do nosso país.

O presente artigo tem como objeto as Mulheres do MST e resistência na luta pela terra no Acampamento Padre Josimo. e como problematização da pesquisa as seguintes indagações: Quais as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no acampamento Padre Josimo e no coletivo Fryda Kahlo e suas formas de resistência na luta pela terra? Para discutir as problemáticas propostas a pesquisa teve como objetivo geral, analisar como ocorre a resistência e as lutas pela terra das mulheres no acampamento Padre Josimo, organizados pelo movimento dos trabalhadores rurais do Tocantins. E como objetivos específicos, identificar as lutas das mulheres que fazem parte do coletivo Fryda Kahlo; Analisar as ações realizadas pelas mulheres na luta pela terra; conhecer os espaços de saberes coletivos sobre a agroecologia que as mulheres trabalham e produzem os alimentos através de momentos formativos.

A presente pesquisa se justifica que, como estudante de graduação em serviço social, e moradora do Acampamento Padre Josimo e integrante do coletivo de mulheres Fryda Kahlo, desde que a luta pela terra se iniciou nos anos de 2014 no município de Carrasco Bonito, e que ainda esperam uma resposta vinda do INCRA, pois sendo a área de assentamento que foi desviada pelos fazendeiros da região, neste sentido a pesquisa deve contribuir para o

fortalecimento da luta das mulheres pela terra, apresentam para o meio acadêmico e científico as formas de resistência e luta por uma reforma agrária popular.

A metodologia utilizada foi a pesquisa participante na qual buscou identificar como ocorre a resistência e o sonho pela terra na perspectiva das mulheres do coletivo Frida Kahlo. Foi realizada entrevistas semiestruturadas com (05) cinco mulheres que estão desde o começo do coletivo e que continuam até hoje na luta pelo fim do patriarcado, luta pela igualdade de gênero e, especialmente na luta pela conquista da terra, fizemos duas rodas de conversas, a fim de estabelecer diálogos sobre os temas que impactam a vida das mulheres no acampamento, na luta pela terra, cujo objetivo será compreender as dimensões da luta pela terra que potencializa a força da mulher na construção de uma política pública pela reforma agrária.

Foi realizada também uma observação feita na comunidade no qual identificamos o quanto a resistência e o sonho pela terra desde sempre é uma luta árdua da qual os camponeses são os maiores prejudicados; a Pesquisa-ação feita no acampamento com as mulheres do coletivo Fryda Kahlo identificou pontos essenciais na resistência pela terra.

Carlos Rodrigues Brandão (1999, p. 8), chama atenção para o fato de que “A lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca na perspectiva e através dela e, a partir daí, constitui simbolicamente o outro que investiga”. Outra ferramenta a ser utilizada na pesquisa, será a observação participante, “o primeiro fio da lógica do pesquisador deve ser não o seu, o de sua ciência. Mas o da própria cultura que investiga, tal como expressam os próprios sujeitos que a vivem. Estava inventada a observação participante” (Brandão, 1999, p.12). Os resultados da pesquisa indicam que: O presente artigo está organizado na seguinte estrutura: capítulo 1 – Apresenta as lutas das mulheres sem-terra do acampamento Padre Josimo com foco no histórico do acampamento e a importância da luta das mulheres pela terra através do coletivo Fryda Kahlo; o capítulo 2 aborda as mulheres e a agroecologia no acampamento Padre Josimo, através das hortas agroecológicas e as roças de mandiocas e o protagonismo feminino no acampamento Padre Josimo o capítulo 3 – apresenta os resultados e discussão dos resultados. Podendo dar resposta a hipótese levantado no início do estudo, sendo o acampamento padre Josimo uma conquista de direitos das famílias acampadas, sendo possível verificar que as famílias que vivem na comunidade nos últimos meses vêm recebendo o órgão competente do Estado do Tocantins, o INCRA, com futura proposta prevista para o corte da terra, deixando as famílias animadas passando se oito anos aguardando esse momento.

2 AS LUTAS DAS MULHERES SEM TERRA DO ACAMPAMENTO PADRE JOSIMO

O presente capítulo apresenta as lutas das mulheres camponesas do acampamento Padre Josimo, e suas formas de resistência e organização, lutando contra a desigualdade social e a precarização do trabalho, como também o meio de produção para sobreviver no acampamento. As mulheres sempre vêm fazendo a luta, lado a lado dos seus companheiros trabalhando na lavoura sem assistência técnica adequada para manusear a terra.

2.1 Histórico do Acampamento Padre Josimo

Figura: 01: Carrasco Bonito



Fonte: <https://carrascobonito.to.leg.br/noticias/17>

Em julho de 1965, uma família que vivia da caça, da pesca e de plantações, ao verem as belezas naturais existentes, resolveram aqui habitar definitivamente. Seus primeiros habitantes eram do Estado do Maranhão. Os principais moradores das famílias foram os senhores: João Pereira, Manoel Pereira, Firmino Lopes e Raimundo Preto. Estes povos se abrigaram em barracões que eles próprios faziam a margem esquerda de uma vertente de água ao lado, hoje da cidade de Carrasco Bonito. A primeira igreja foi a de Nossa Senhora de Fátima, a qual era feita de palha onde abrigava os fiéis em dias de missas. Anos depois uma nova capela foi erguida e coberta de telha. A data do festejo é de 04 a 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima.

A primeira fazenda foi o do Sr. Epitáfio Freitas Rêgo, a qual hoje pertence a seu filho Manoel Messias de Freitas, terras estas compradas dos seus primeiros habitantes. As fontes de riquezas: madeiras de leis, algumas ainda existentes, a pecuária é a principal economia deste Município, boas pastagens, onde abriga milhares de cabeças de gado. Outra fonte de renda de grande utilidade é o coco babaçu. Existe o varjão que é um pasto nativo de grande valor,

procurado por muitos fazendeiros de outras regiões.

Carrasco Bonito, foi emancipado em vinte de fevereiro de 1991, localizado no Bico do Papagaio a 7 km do Rio Tocantins, as praias de julho a setembro, tendo como área 240,6 Km² e uma população de 3.028 habitantes.

Descrito a história do município de Carrasco Bonito, trazemos o histórico da luta pela terra e o acampamento Padre Josimo como estratégia de luta. O acampamento Padre Josimo, está localizado no município de Carrasco Bonito, Tocantins, iniciou-se em 2014 em um terreno dentro da cidade, através da associação Santa Maria, passando o tempo e nenhuma notícia para as famílias que ali esperavam e sonhavam com a conquista de terra para trabalhar e criar os filhos. Assim as famílias decidem lutar pela terra onde cada dia foi perdendo para os latifundiários da região. São latifúndios atrasados que ainda usam a antiga pistolagem e ameaças com violências os camponeses/as no campo, com isso continuam fortalecendo suas grilagens em terras públicas da união.

Meses depois as famílias ali acampadas em barracos pequenos, sendo a cobertura com palhas de babaçu, e as paredes feitas também das palhas. O presidente da associação viajou até a capital Palma, para uma reunião na sede do INCRA, foi nesta reunião que ele conheceu os militantes do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST). Criado no ano de 1984, é um movimento social de massa, autônomo, que organiza os trabalhadores e as trabalhadoras rurais e a sociedade para conquistar a reforma agrária e um projeto popular para o Brasil. Depois de muitas conversas com militantes do MST, foi marcado o dia de apresentar as famílias e convidá-los para fazer parte do Movimento.

Com o apoio do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, as famílias que ali estavam acampadas entenderam que só estando ali de braços cruzados não daria muito certo, então depois de reuniões e orientações vindas do MST, as famílias tomaram a decisão de ocupar uma área da união, mas que é ocupada pelos latifundiários com pastagem de criação de gado. Tornando assim uma área de conflito entre trabalhadores camponeses e pistoleiros que ocupam a área a mando dos fazendeiros, onde a justiça não toma decisões para regularizar a terra que é destinada para reforma agrária, deixando assim os trabalhadores a mercê das violências que os pistoleiros realizam no local.

Na primeira ocupação realizada pelas famílias, sendo em área da união que hoje ainda é comandada por fazendeiros e cercada de pistoleiros, conforme os relatos dos acampados, alguns trabalhadores foram baleados e os demais foram escoltados pela própria polícia militar até a cidade de Araguatins, onde os trabalhadores exigiam falar com o órgão competente. O INCRA podendo atender as pautas dos trabalhadores e resolver a situação, colocando as

famílias na terra para produzir fazendo valer a reforma agrária que até então está só como utopia, sem nenhuma resposta concreta para os trabalhadores.

As famílias se revoltam com as injustiças e decidem continuar a luta pela terra, pela reforma agrária, pela transformação social, configurando um espaço de consciência política e de relações de gênero na luta cotidiana, por uma sociedade justa e igualitária. Então, ao retornarem da ocupação às mais de cem famílias, acamparam na beira da estrada, três quilômetros de distância para chegar em Carrasco Bonito, mulheres, homens, idosos, jovens e crianças.

Depois de um ano acampadas na beira da estrada, passando por inúmeras precarizações, sem nenhuma assistência básica, se organizaram com os outros acampamentos do Estado, e ocupamos o INCRA, se deslocando para capital Palmas, afim de reivindicar os direitos pela terra onde poderiam produzir e sobreviver com dignidade. Mas para que a pauta dos trabalhadores fosse atendida, as famílias tiveram que se submeter passando dezoito dias na porta do INCRA, debaixo de lona preta, até que o superintendente do INCRA recebesse a pauta dos trabalhadores.

Os trabalhadores do acampamento Padre Josimo descobrem que no assentamento P.A Cupins Localizado no município de Carrasco Bonito há vinte anos, o mesmo na época teve parte de sua área desviada pelos fazendeiros da região, e que é área da união. Assim as famílias retornam e ocupam a área, na esperança de que a justiça seja feita, tornando a área em assentamento para as famílias produzirem. As mulheres do Acampamento Padre Josimo também estão na luta por igualdade, procurando ocupar espaços que é negando desde sempre, sendo o direito de ir e vir dificultando a sobrevivência no território, não sendo só isso, também é negado direito a educação e saúde, como também energia e água tratada, equipamentos adequados para manusear a terra.

Todos os brasileiros e brasileiras tem direito a um sistema político que lhes garanta representação e participação e que assegure, de fato, que demandas, desejos e problemas sejam tratados conforme as reais vontades e necessidades da maioria. (CARTILHA PLEBISCITO CONSTITUINTE, 2014, p.1).

Mesmo com todo esse cenário apresentado, as famílias residem e sobrevivem no território, trabalhando braçalmente e tornando o acampamento mais produtivo da região, com produção de alimentos saudáveis, estando em transição agroecológica, levando-os para mesas dos acampados. O acampamento como forma de resistência no território, discute melhores maneiras de organização dentro da comunidade, sendo trabalhos coletivos um segurando na mão do outro. Hoje as famílias seguem acampadas na área, desde 2015 depois de ser descoberto

a irregularidade e a falta de compromisso para com os trabalhadores e que até hoje ainda esperam uma resposta vinda do INCRA, pois sendo a área de assentamento que foi desviada pelos fazendeiros da região.

A região do bico do papagaio, norte do Tocantins, possui histórico de luta pela ocupação da terra. Trata-se de uma população pobre e que em sua maioria tem má qualidade de vida, fruto do equívoco na aplicação de políticas, ou mesmo na omissão de intervenção estatal. Assim, considerando uma área de fronteira, a região foi palco de conflito social integrante do processo capitalista em que os pequenos agricultores que ocuparam primeiro foram expulsos pelo capital empresarial, por meio de violência direta ou decorrente da dinâmica que se apresenta (MARTINS, 1997 APUD ROCHA, 2011, p.51).

As famílias vêm sofrendo ameaças e prejuízos na produção, mesmo produzindo alimentos saudáveis e sempre na luta por justiça e igualdade social. Enquanto os fazendeiros todos os anos liberam os gados na área para que venham danificar as produções dos trabalhadores, mesmo sendo registrados boletins de ocorrências todos os anos e nada é resolvido. Vivenciamos também a falta de estrutura e das políticas públicas, como educação, saúde, seguridade social, saneamento básico, o direito de ir e vir. Boa parte das famílias que ocuparam no ano de 2015 vão desacreditando e se desanimam e, assim acontece evasão das cem famílias que iniciou a luta, hoje só vinte e duas famílias resistem no acampamento.

Vendo e vivendo a luta das famílias e suas formas de resistências de perto, como também vivenciando no dia a dia, as mulheres que sempre são as mais atingidas diretamente; sendo pelas faltas de políticas públicas como dentre inúmeros aspectos. Pretendo aprofundar no estudo e conhecer mais as lutas e os meios de produção, como também as formas de resistência das famílias na comunidade no meio capitalista. Sendo graduada em Serviço Social pretendo juntamente com as famílias, lutar para que as políticas públicas chegam até a comunidade, melhorando o modo de sobrevivência, entendendo que nós enquanto ser humano temos direitos e deveres, e esses direitos não podem ser negados e, principalmente nos permitir que sejamos manipulados.

2014 a 2023, o MST movimento dos trabalhadores rurais sem-terra vem acompanhando as famílias do acampamento padre Josimo, e sempre fazendo análise de conjuntura, como dentre outros pontos que fortalece as lutas por reforma agrária e formação de sujeitos políticos e social de trabalhadores e trabalhadoras sem-terra (MST).

O acampamento Padre Josimo tem oito anos de existência e de muita resistência, é um acampamento onde as famílias produzem para sobrevivência, mas que sofre ataques diariamente e diretamente com a produção, onde os trabalhadores produz o arroz, feijão, abóbora, melancia, milho, amendoim, e principalmente a mandioca, sendo a principal fonte de

sobrevivência e de renda das famílias. E mesmo com os ataques dos gados e dos animais dos fazendeiros vizinhos, as famílias todos os anos são obrigados vigiar as roças ou fazer cerca de pau para proteger a produção, e assim é registrado boletins de ocorrência todos os anos, ainda é o acampamento que mais produz farinha na região. No acampamento duas casas de farinhas ativas e todas trabalhado coletivamente, também é feita a tradicional festa da farinha em comemoração ao aniversário da casa de farinha Tia Sônia, que leva esse nome em homenagem a uma grande companheira que estava na luta pela conquista da terra no acampamento Padre Josimo e que hoje não está, mas em nosso meio.

Figura 02: casa de farinha TIA SÔNIA, 2023.



Fonte: autora, 2023.

A casa de farinha TIA SÔNIA era um dos sonhos dos trabalhadores onde parecia muito difícil, mas com o trabalho coletivo e a força de vontade da maioria tornou-se realidade depois de muito trabalho e esforço, podendo inaugurar a sonhada casa de farinha no dia 28 de setembro de 2019, onde foi feita uma linda festa, sendo convidado toda região como também grandes parceiros e apoiadores do movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra. Com muita comida típica da própria macaxeira como o bejú, o bolo, o grolado e a macaxeira cozida dentre outras. Houve música o dia todo e resgatando as brincadeiras que foram esquecidas ao passar dos anos como; brincadeira da quebra pote, brincadeira do pato e é erguido o pau de sebo com dinheiro, para ser retirado. No dia da festa também foi feito bingo de saco de farinha.

Também é celebrado a noite de São João e de São Pedro pelas famílias sendo servido um jantar, onde foi organizado cada ano em um barraco e a família foi responsável para receber

os outros moradores, é feito um rodízio, todo ano em casas diferentes. As famílias sempre estão procurando a melhor forma para resistir, até que a justiça seja feita, a sonhada terra, ou melhor a sonhada reforma agrária venha acontecer e, que possamos ser assentados.

2.2 A importância da luta das mulheres através do coletivo Fryda Kahlo

O artesanato Fryda kahlo surge dentro da luta das mulheres Sem Terra do Acampamento Padre Josimo, no ano de 2015, no primeiro momento foi mais um encontro para discutir pontos importantes no intuito de contribuir na luta, tanto interna como externa do MST. Nesse mesmo momento surge a ideia de trabalhar o artesanato onde as mulheres tivessem um espaço só delas, como também futuramente ter uma renda extra, e assim iniciamos com dez companheira que concordou com a ideia, como também teve contribuição de cada uma para a compra de matérias para que pudéssemos construir nossos primeiros trabalhos.

As mulheres discutem momentos para se organizarem trabalhando juntas, como formas de resistência no acampamento padre Josimo, sendo pensado meios para arrecadação de fundos. Manter viva as memórias de militantes que perderam suas vidas na luta por direitos sociais. Assim por meios de rodas de conversas surge a ideia de trabalhar o artesanato trazendo o protagonismo e o talento de cada companheira criando espaços de saberes como momento formativo, podendo assim, construir e comercializar, como também resgatar o artesanato, mostrando a sua importância e a naturalidade de cada peça criada por elas. Sendo escolhido para homenagear uma artista que foi conhecida pela sua história e pelo seu talento como pintora de sua própria história ou melhor, de sua própria imagem, que não está, mas viva, mas que deixou sua linda história a ser exemplo, e por isso o grupo artesã traz seu nome como símbolo de resistência.

Por meio de rodas de conversas no coletivo de mulheres Frida Kahlo do acampamento padre Josimo, contam com a presença da psicóloga e da assistente social do município de Carrasco Bonito para fazer palestra com as famílias acampadas. Importante também as oficinas com as experiências entre o coletivo Fryda Kahlo e o coletivo de mulheres imponderadas que participa efetivamente no CRAS-Secretaria de Assistência Social do Município de Carrasco Bonito. Nas rodas de conversas do coletivo debater sobre cultura, educação popular e saúde da mulher.

Figura 03: coletivo de Fryda Kahlo construindo peças artesanais.



Fonte: autora, 2023.

E assim nós do artesanato Fryda Kahlo viemos cada dia aprimorando e lutando para que nossos trabalhos possa um dia ser reconhecido nacionalmente, ainda estamos comercializando só no município

de Carrasco Bonito, pela falta de apoio e de condições sendo o maior objetivo mostrar para população a importância do artesanato e o bem que nos proporciona em nosso dia a dia, nós do coletivo Fryda Kahlo se reunimos de quinze em quinze dias para produzir como também para falarmos um pouco sobre nós, onde entendemos que nossos encontros também é uma terapia da qual retornamos para nossos barracos muito diferente de quando chegamos no encontro, também é preparado pelo coletivo um belíssimo café da tarde como forma de confraternizar coletivamente. Uma das mulheres que participam do coletivo é:

Sou, natural de Capemba d'água, Município de Imperatriz Maranhão, há quarenta anos mudei para o Tocantins, juntamente com meus pais e seu único irmão, hoje só tenho pai, minha mãe há nove anos faleceu, sou casada 24 anos e tenho 4 filhos, duas mulheres e dois homens. Tem 10 anos que conheço o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tenho um grande respeito, e luta com todas as forças para que um dia juntamente com o Movimento MST possa realizar o sonho da terra livre, onde possamos cuidar e criar nossos filhos com sabedoria e dignidade, a desigualdade no país é muito grande, onde tem poucos com muita terra, e muitos sem nada. Desejo que a justiça possa ser feita, onde o trabalhador rural possa ter Escola, Saúde, água, energia dentre inúmeras políticas voltadas as famílias que precisam. O acampamento Padre Josimo é um lugar onde vivemos e onde passamos por situações muito difíceis, sofremos ameaças dos fazendeiros assim como também prejuízo nas plantações

provocada pelos gados dos mesmos. Mesmo com tudo que já foi colocado conseguimos produzir alimentos para nosso sustento. Nós produzimos o arroz, feijão, abobora, milho, mandioca, amendoim entre outros, e assim vamos trabalhando até chegar o dia em que ganharemos nossa terra (ENTREVISTADA, F.C, F, 2024)

Sou natural de Ananás do Tocantins, nasci no ano de mil novecentos e setenta e dois, não tem mais pais, que mudei para o município de Carrasco Bonito no ano de dois mil e treze, tenho cinco filhos, quatro homens e uma mulher, sou casada e moro, atualmente no acampamento Padre Josimo. Dez anos venho trabalhando na produção de alimentos como também no Artesanato, para melhor viver no acampamento onde é negado todos os direitos como: a saúde, a educação, a água, energia e principalmente o direito de ir e vir. São dez anos na esperança que a justiça seja feita e que um dia possamos viver com dignidade, estamos em uma área que só depende do governo para fazer valer e devolver pra nós trabalhador a terra tão sonhada, dez anos que as ameaças dos fazendeiros vêm nos prejudicando diretamente como nos prejuízos da produção soltando todos os anos gados para que danifique toda produção, todos os anos é registrado boletins de ocorrência, mas nada adianta. O movimento dos trabalhadores rurais sem terra é nossa esperança e a porta é o caminho para que a reforma agrária possa acontecer (ENTREVISTADA, R.S.C, 2024).

As entrevistadas nos conta sobre suas trajetórias e sobre a importância de estar em movimentos sociais. E que a luta pela terra é árdua, mas importante. Elas participam das ações elaboradas pelo movimento Sem Terra a fim de pressionar o governo a promover o assentamento dos/das trabalhadores/as.

Sou casada há quarenta e três anos, natural de São Miguel de Tuntum Maranhão, mudou para o município de Carrasco Bonito no ano de oitenta e seis, tenho nove filhos sendo quatro homens e cinco mulheres. Há dez anos venho lutando por um pedacinho de terra para viver com minhas família, mas mesmo antes de conhecer o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem-terra, já estava lutando e acreditando que meu sonho assim com o de outros um dia pudesse ser realizado, depois de conhecer o MST tudo mudou, tudo fez com que eu lutasse ainda mais, pois nos trouxe esperança fazendo entender que no mundo em que vivemos vence aquele que luta, vence aquele que sonha, e principalmente aquele que busca, Antes vivíamos acampados em barracos muito pequenos dentro do município mesmo até que militantes do MST apareceu nos mostrou qual os caminhos a seguir até conquistar a sonhada terra. Mesmo se submetendo acampando na porta do Órgão INCRA na Capital Palmas, passando dezoito dias debaixo da lona preta esperando o superintendente atender nossa pauta, essa das terras que foram desviadas pelos fazendeiros e que a justiça nada fez. Hoje estamos dez anos vivendo na terra após confirmação do superintendente do INCRA estamos produzindo mesmo sem ainda ter regularizado, mesmo correndo risco da parte dos fazendeiros, mesmo sem ter estrada para trafegar nos tempos chuvosos, mesmo sem Escola, sem o posto de saúde, sem energia, sem água tratada dentre muitas coisas, mas estamos vivendo na esperança de um dia a reforma agrária venha recheada de tudo e possamos viver com dignidade (Entrevistada, N. F. I. S).

Nas datas comemorativas, como por exemplo o Dia das Mães, dos pais, das crianças, dos namorados como dentre outras o coletivo trabalha na fabricação de cestas e mimos para presentear quem amamos, e assim também é nas festas do município como: Aniversário da cidade, festas juninas, cavalgada, as praias etc. também estamos com barracas vendendo comidas e bebidas. Uma das ações de resistência desenvolvida pelas mulheres do acampamento é a venda dos seus produtos.

Figura 04: Comercialização do artesanato do coletivo Fryda Kahlo.



Fonte: autora, 2023.

O coletivo de mulheres do acampamento padre Josimo por meios do artesanato está sempre buscando meios de recardar recursos e poder ter uma renda extra podendo permanecer resistindo no acampamento diante das vulnerabilidades e dos descasos vindo dos órgãos competentes e do poder público.

3 AS MULHERES E A AGROECOLOGIA NO ASSENTAMENTO PADRE JOSIMO

Este capítulo traz uma abordagem sobre as mulheres do acampamento Padre Josimo, que desde que assumiram suas identidades como Sem Terra, e assim conhecendo o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST), dentro dos debates e rodas de conversas realizada pelo MST sendo uma das pautas do movimento a agroecologia a importância da produção de alimentos saudáveis. As mulheres juntamente com os companheiros vêm defendendo rigorosamente a transição para que possam produzir alimentos saudáveis sem uso de produtos químicos, elas são responsáveis por garantir a segurança alimentar e nutricional de suas famílias.

O acampamento padre Josimo nesses últimos oito anos vem com um trabalho árduo de muita organicidade, estudo e conscientização para o não uso de agrotóxicos, em defesa do meio ambiente, e da biodiversidade. Com essa ruptura a transição agroecológica é uma necessidade, então a agroecologia continua sendo um dos pontos mais defendido entre as famílias que residem no acampamento.

Figura 4: horta em construção, 2023.



Fonte: autora, 2023.

As mulheres trabalham, efetivamente nas hortas comunitárias no acampamento padre Josimo desde 2021, antes era uma horta para dez mulheres juntamente com a juventude do acampamento no trabalho coletivo desde a construção quanto na comercialização das verduras. Hoje são três hortas, duas ativas e uma em construção, as duas que estão ativas sendo comercializada as verduras por meio das redes sociais ou em porta em porta. Devido a extensão do acampamento e pensando na melhor maneira de trabalho para as mulheres pensou-se em

dividir em três grupos e construir mais duas hortas, medindo se mais ou menos uns 700 metros de distância uma para outra.

As mulheres juntamente com a juventude e com o apoio da Alternativa para a Pequena Agricultura no Tocantins (APA-TO), que sempre tem contribuído diretamente com as famílias, utilizando os princípios da agroecologia para construir sistemas produtivos sustentáveis. Como também na elaboração de projetos que vem beneficiando para construção e manutenção, como também ministra momentos formativos de como manusear sem o uso dos agrotóxicos. Tendo também rodas de conversas para cada grupo poder falar de como vai o andamento das hortaliças.

Também sendo pensada para que as mulheres e a juventude possam ter uma renda extra, onde os grupos cada venda é dividida em partes iguais. Dando autonomia e muito aprendizado no trabalho com hortaliças, aprendendo sempre um jeito novo de manusear sem o uso de produtos químicos, e pensando na interação dos jovens para que não haja tanta evasão do acampamento.

Segundo o movimento de Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins (APA-TO), que trabalha junto com agricultores familiares, extrativistas, quebradeiras de coco, entre outros povos tradicionais, utilizando os princípios da agroecologia para construir sistemas produtivos sustentáveis.

A base de seu trabalho é o planejamento e a implementação do desenvolvimento local, a assessoria para a negociação de políticas públicas, a busca de segurança alimentar, a geração de renda para as famílias, a organização do comércio e a formação de lideranças. Desde 1992 a APA-TO atua no estado do Tocantins construindo uma história de desenvolvimento participativo e garantindo melhores condições de vida no campo para agricultores e agricultoras familiares.

3.1 A produção orgânica e a transição agroecológica no acampamento padre Josimo e a participação das mulheres na garantia de alimentos saudáveis

No Acampamento Padre Josimo as famílias vêm lutando contra o uso de produtos químicos, estando sempre em transição agroecológica tentando resgatar a cultura de nossos ancestrais e pensando na saúde de todos. Entendendo que o uso do agrotóxico nos alimentos vem prejudicando a saúde de milhões de pessoas, sendo o agronegócio responsável na comercialização de produtos químicos, assim como o apoio da APA-TO que vem contribuindo diretamente com as famílias em especial o grupo de mulheres sobre a forma de produzir sem o

uso de produtos químicos, pois segundo Ana Primavesi (2016, p. 31) diz: “A tecnologia convencional é que se torna o clima desfavoráveis a produção, porque age completamente despreocupada frente as condições ambientais, ou simplesmente é antiecológico”.

Como produzir mais alimentos 1. Melhoramento da biofísica dos solos (considera o aspecto biológico ligado ao aspecto físico do solo), produzindo se mais por área. Este é o lastro de uma produção farta e barata que exige o uso bem orientado de matéria orgânica. É o aumento vertical das colheitas. 2. Melhoramento químico do solo através de calagem e adubação mineral (aspecto químico do solo), se for acompanhado do melhoramento biofísico, é a maneira acertada de produzir mais barato. Mas se for utilizado como remédio paliativo contra a decadência do solo, e ainda de maneira unilateral, é a maneira mais errada, por encarecer a produção sobre maneira, sem retorno adequado. (ANA MARIA PRIMAVESI, p.26).

Figura 6: colheita de mandioca, 2023.



Fonte: autora, 2023.

O acampamento padre Josimo tem como base os princípios e normas organizativas do (MST) que retrata as vivencias e experiências de militantes de moradores do acampamento, entre elas a autora de 2013 á 2017. O MST é um movimento onde trabalha para que a formação de sujeitos coletivos com uma identidade política e social de trabalhadores sem-terra e agrega sem distinção de idade, orientação sexual ou identidade de gênero, todos os membros da família: homens, mulheres, crianças e a juventude.

E assim é realizado o trabalho coletivo, no objetivo de cada dia melhorar na produção, como também nas atividades internas e externas, preparando tanto a juventude como também os sem terrinhas para participarem das atividades externas elaborada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

As mulheres mesmo com a falta de estrutura tendo que trabalhar manualmente no manejo da produção de arroz, feijão, milho dentre outros, sendo a principal fonte de renda a mandioca e as hortas comunitárias que mesmo sendo produzido em pouca escala por motivo de assistência básica estrutural, as mesmas não desistem e se organizam da melhor forma possível como: criando espaços formativos, rodas de conversas e principalmente trabalho coletivo.

Desde o preparo do solo até a produção e comercialização dos produtos, as mulheres são parte fundamentais na luta por reforma agrária, uma política pública que até agora só nos aparece como utopia. Para nós mulher que muitos anos vêm sofrendo com a falta de políticas publicas, trabalhando na agricultura familiar de modo extremamente adoecido, sendo negado o direito de ir e vir dentre inúmeras precarizações, sendo todas famílias vulneráveis. Camponesas que sonha e almeja com uma sociedade mais justa e igualitária cabe a nós sistematizar nossas memórias como forma de enfrentamento ao modelo destrutivo do capital que nos nega o direito de viver em harmonia no nosso território.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através destas pesquisas observou que, na comunidade podemos identificar o quanto a resistência e o sonho pela terra desde sempre é uma luta árdua da qual os camponeses são os maiores prejudicados; a Pesquisa-ação feita no acampamento com as mulheres do coletivo Fryda Kahlo identificou pontos essenciais na resistência pela terra. sendo eles: A união entre os acampados, a resistência das mulheres na luta pela terra, a agroecologia como base sustentável para conservação do meio ambiente, a produção agroecológica, a produção de alimento que vem matando a fome dos acampados, as casas de farinhas com espaço de produção e convivência familiar e o coletivo fryda kalo que vem favorecendo o protagonismo feminino na luta por uma reforma agrária popular e soberana.

A pesquisa foi importante porque analisou e observou as ações realizadas por meios de rodas de conversas no coletivo, também conhecer os espaços de saberes coletivos sobre a agroecologia que as mulheres trabalham e produzem os alimentos saudáveis, conhecer também as lutas enfrentadas pelas mulheres que fazem parte do artesanato Fryda Kahlo e suas formas de resistências.

Nesse pressuposto, o texto retrata as vivências e experiências de militantes e moradores do acampamento Padre Josimo, entre elas a própria autora, de 2014 a 2023, o MST movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra vem acompanhando as famílias do acampamento padre Josimo, e sempre fazendo análise de conjuntura, como dentre outros pontos que fortalece as lutas por reforma agrária e formação de sujeitos políticos e social de trabalhadores e trabalhadoras sem-terra.

Outro ponto importante observado foi que, formação faz parte da organização, a articulação e resistência da comunidade em defesa do direito de ir e vir, participação das mulheres como sujeitas essenciais na luta pela terra, construindo intercâmbios de saberes a partir de experiências organizativas de outros territórios e organizações sociais semelhantes.

O protagonismo das mulheres na luta pela terra, portanto, é também uma das dimensões do movimento Sem Terra. Entretanto, o papel que vem desempenhando ao longo do processo histórico na luta pela terra no MST e as relações de gênero constituem-se em avanços, mas, contraditoriamente, em recuos, haja vista que as mulheres em luta buscam também inserção nas práticas sociais para conquista da igualdade de gênero, seja nos espaços da luta social, do trabalho, quanto da política e isto não se configura facilmente. Esse ainda é um processo em construção e um grande desafio as mulheres e ao movimento (ALMEIDA, 2017, p. 198-199).

Buscando em nossos espaços e formação sobre direitos da mulher, conscientização para sermos multiplicadores desta consciência sobre a violência contra mulher, muitas manifestações deram ênfase nas lutas das mulheres com novos ingredientes, com

relação ao domínio dos homens sobre as mulheres, como o poder da exploração e a centralidade na questão do trabalho.

A lei Maria da penha (11.340/2006) foi uma grande vitória do movimento feminista, a qual visa punir companheiros agressores no âmbito familiar e doméstico, sobretudo casos de assassinatos contra as mulheres. Foi sancionada, no governo de Dilma Rousseff, a Lei 13.104/15, que torna qualificado qualquer tipo de violência, abuso ou agressão contra mulheres em razão do gênero. (BRASÍLIA, 2010).

Este trabalho apresentou também as lutas das mulheres camponesas do acampamento Padre Josimo, suas formas de resistência como também o meio de produção e de organização para sobreviver no território. Como estudante de graduação em Serviço Social, e moradora do Acampamento Padre Josimo, desde que a luta pela terra se iniciou nos anos de 2014 no município de Carrasco Bonito, hoje as famílias acampadas no acampamento padre Josimo desde o ano de 2015, e que ainda esperam uma resposta vinda do governo, pois sendo a área de assentamento que foi desviada pelos fazendeiros da região.

Figura 7: Plantio de arroz e milho, 2023.



Fonte: autora, 2023.

Atualmente (2025) as famílias sofrem ameaças e prejuízos, mesmo estando produzindo alimentos saudáveis e sempre na luta por justiça e igualdade social, os fazendeiros todos os anos liberam os gados na área para que venha danificar as produções dos trabalhadores, mesmo sendo registrados boletins de ocorrências todos os anos e nada sendo resolvido. Vivenciamos também a falta de estrutura e das políticas públicas, como educação, saúde, seguridade social, moradia, saneamento básico, o direito de ir e vir, as famílias boas parte das que ocuparam no ano de 2015 vão desacreditando e se desanimam e assim acontece evasão das famílias que

iniciou a luta, hoje só vinte e duas famílias resistem no acampamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido artigo analisou a luta da mulher camponesa pela terra, pela reforma agrária e por direitos sociais, tendo como direção a organicidade do MST, onde vem sempre dando suporte e orientações para classe trabalhadora. Apoiando a questão agrária, que representa um Cenário de grandes lutas, sendo palco de grandes conflitos e de grandes vitórias para as famílias sem-terra, que vem sempre lutando durante anos para garantir um direito que é de todos, “direito ao território”, com a luta dos movimentos sociais e muitas reivindicações passou a ser reconhecido como direito.

Este estudo permitiu fazer análise das lutas das mulheres do acampamento Padre Josimo, fazendo um comparativo das suas aplicações para com a terra e com os artesanatos que as companheiras produzem no acampamento. Podendo dar resposta a hipótese levantado no início do estudo, sendo o acampamento padre Josimo uma conquista de direitos das famílias acampadas, sendo possível verificar que as famílias que vivem na comunidade nos últimos meses vêm recebendo o órgão competente do Estado do Tocantins, o INCRA, com futura proposta prevista para o corte da terra, deixando as famílias animadas passando se oito anos aguardando esse momento.

Porém ainda falta muito a fazer, mas o sonho pela terra permanece no coração das famílias, é chegado esse dia que a reforma agrária chegue até os moradores do acampamento Padre Josimo, é chegado a hora que possamos ter educação, saúde, infraestrutura, moradia, energia, água tratada etc. que venha reforma agrária recheada de políticas públicas. Que as mulheres possam viver com dignidade sendo valorizada e que possam conseguir a independência econômica, só produzem para a sobrevivência não conseguem produzir para comercialização, na maioria das vezes são obrigadas prestar serviços como doméstica e diaristas para garantir sobrevivência da família. Apesar de todos os problemas que as mulheres enfrentam elas veem a terra como maneira de mudar de vida e enxerga o acampamento como possibilidade de atingir o sonho, o gosto pela vida na roça faz florescer esperança de dias melhores.

O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) busca construir, juntamente com as famílias, formas de resistências como também meio de sobrevivência, sendo um de seus objetivos combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher camponesa em todos os espaços. O MST dentro de suas políticas e dos princípios organizativos a mulher camponesa luta para conquistar seu lugar de fala nos espaços e na luta pela terra, por direitos políticos, econômicos e sociais, fortalecendo assim, a luta das mulheres

camponesas com organicidade. Portanto, as mulheres discutem momentos para se organizar trabalhando juntas tanto no Artesanato quanto nas hortas agroecológicas, como também na criação de galinhas caipiras, dentre outras formas de resistências.

REFERÊNCIAS

ABEPSS, Associação brasileira de ensino e pesquisa em serviço social. Proposta básica para Projeto de formação profissional. In: **Revista de Serviço Social e Sociedade n 50**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social. **Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Saúde**. 2009. Disponível em http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros_para_a_Atuacao_de_Assistentes_Sociais_na_Saude.pdf acesso em: 02 novembro, 2024.

ALDIGHERI, Mario. **Josimo: a terra, a vida**. São Paulo: Loyola, 1993.

ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros. Práxis Política do Movimento dos trabalhadores rurais Sem-Terra (MST)- TO: trajetória de organização e formação política. 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/grande/11612/2108> . Acesso em: 10 dez. 2024.

ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009. p.231-237.

ARAÚJO, Djacira Maria de Oliveira Araujo. *Tudo o que você precisa saber sobre a Lei do Estágio (nº 11.788)*. Disponível em: <https://www.ciadeestagios.com.br/conteudos-para-rh/lei-do-estagio/> acesso em: 02 Setembro 2023. *L11788*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm acesso em: 02 de Setembro de 2023.

UMBELINO, Ariovaldo.; MARQUES, Marta I. M. (Org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Paz e terra, 2004.

LIMA, Luzanira ferreira. **Identidade Territorial Tocantinense**. [Axixá, 2014]. Informação falada concedida a Eliseu Pereira de Brito em 2014.

MEIHY.J.C.S.B.-(Re) **introduzindo história oral no Brasil**.

MEZADRI, Adriana(org.) et al. **Feminismo camponês popular: reflexões a partir de experiências no Movimento de MULHERES Camponesas**. São Paulo.

IAMAMOTO, M. V. O, **Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998. Ferreira dos Santos Everton Lazzaretti Picolotto DOI: <https://doi.org/10.15210/norus.v7i11.17049>.

PORTELLI.A. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**.